

46.5.12661

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 163

Col. 4c
413

Revelações d'um ex-Director
da fabrica Krupp

PUBLICADA PELO

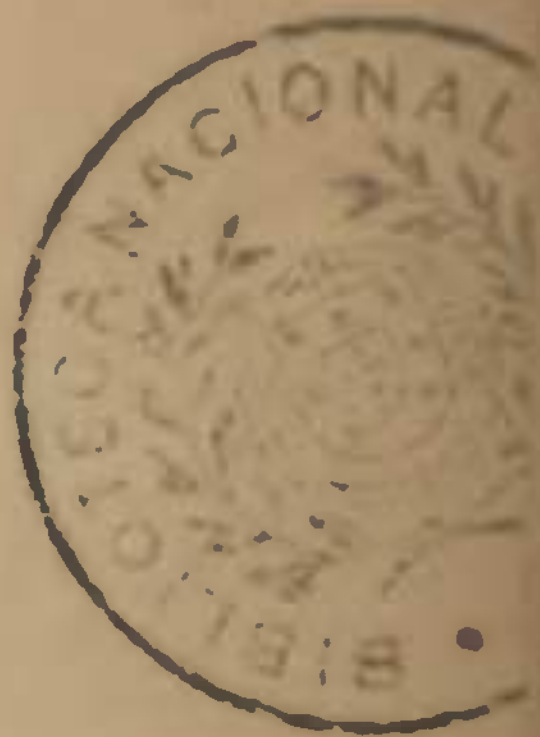
Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Revelações d'um ex-Director da fabrica Krupp

Introdução

Já vai para quatro anos que o mundo se achava aguardando a ulterior informação que sabíamos eventualmente viria a aparecer e fazer luz sobre os pormenores da conspiração devido á qual se engendrou a presente guerra. Ninguém que tivesse lido detidamente a correspondencia diplomatica publicada poderia alimentar a minima duvida sobre a essencia da verdade, mas faltava ainda o testemunho conclusivo. O que é que se teria passado durante o mez decorrido entre o assassinato do arquiduque e a apresentação da nota austriaca á Servia? Sobre este ponto, mais critico ainda do que os acontecimentos dos proprios doze dias, o governo alemão tem sempre mantido o mais absoluto silencio.

Finalmente, porem, começa a erguer-se o veu. As revelações que aqui damos proveem de um homem que teve todas as oportunidades de apurar a verdade. O dr. Mühlton, que ao principio havia aparentemente tido alguma ligação

com o Ministerio alemão dos Negocios Estrangeiros, tinha sido nomeado um dos directores de Krupp, a grande firma alemã de armamento em Essen, e por ela encarregado de um negocio importante em conjunção com Marrocos pouco depois da questão de Agadir. Evidentemente estava interessado principalmente pelo lado commercial do negocio, e por esse motivo teve de entrar em relações intimas com o Deutsche Bank, que tão grande papel tem desempenhado no fornecimento de capitais para os empreendimentos alemães por toda a parte do universo. Foi no decurso de suas negociações que ele teve uma importantissima conversação com Herr Helfferich, ao tempo um dos directores do Deutsche Bank e que depois veio a ser Ministro Imperial das Finanças.

A revelação quanto á perfidia do governo alemão parece desde o principio ter causado profunda impressão no espirito do dr. Mühlon. Aparentemente logo pouco depois se demitiu do seu cargo de director de Krupp, continuando, porém, a ser empregado pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros com relação aos assuntos romenos, quando a Romenia ainda se não havia declarado paiz beligerante. Ao que parece foi em 1917 que ele finalmente se decidiu a abandonar todo o emprego que o tornasse cúmplice do governo Alemão e saindo do paiz passou a fixar residencia na Suissa.

Os documentos aqui reproduzidos estão destinados a figurarem entre as fontes primarias relativamente á responsabilidade pela guerra.

Como ponto importante deve notar-se que ainda não veio á luz nenhuma refutação ou desmentido absoluto destas declarações por parte dos alemães. Tudo quando o vice-chanceler imperial, falando em nome do governo, tem podido fazer é afirmar que o dr. Mühlon é «um neurastenico», pela mesma forma com que agora nos dizem que o Principe Lichnowsky se acha affectado nas suas faculdades mentais. Mas, como nota um dos proprios jornais alemães, o que importa não é bem o dr. Mühlon, mas sim as asserções que ele tem feito.

I

A RESPONSABILIDADE DO GOVERNO ALEMÃO
PELA GUERRA

Exposição do Dr. Mühlon

No meado de julho de 1914, tive, como em muitas outras ocasiões, uma conversação com o dr. Helfferich, que nessa época era o director do Deutsche Bank em Berlim, e hoje é o representante official do chanceller imperial. Havia certas transacções de grande vulto (na Bulgaria e Turquia) em que a firma Krupp tomava vivo interesse por motivos de ordem comercial (fornecimentos de materiais de guerra), e o Deutsche Bank havia assumido uma attitude negativa no assunto. Como justificação da attitude do Banco, o dr. Helfferich deu-me varias razões e terminou pelo seguinte:

«A situação politica tem-se tornado muito ameaçadora. Em qualquer caso o Deutsche Bank tem que esperar para ver o que poderá suceder antes de tomar maiores compromissos em paizes estrangeiros. Os representantes austriacos teem estado estes ultimos dias com o Kaiser. Daqui a oito dias Vienna entregará um ultimatum á Servia em termos muito severos.

O ultimatum, com limite de prazo muito curto, contem exigencias da seguinte natureza: castigo duma porção de officiais, dissolução de associações politicas, investigações criminaes na Servia em cooperação com funcionarios da Monarquia Dual. Em resumo, exigir-se-ha satisfação imediata por um certo numero de pontos em questão, do contrario a Austria-Hungria declarará guerra á Servia. O dr. Helfferich acrescentou que o Kaiser havia manifestado a sua plena aprovação desta acção austriaca e tinha dito que considerava um conflito com a Servia como assunto domestico que sómente dizia respeito á Austria-Hungria e Servia, e que não consentiria que nenhum outro estado interviesse; que se a Russia se mobilizasse a Alemanha tambem se mobilizaria, e que neste caso a mobilização significaria a guerra incontinenti, sem desta vez haver vacilações. Segundo o dr. Helfferich, os austriacos achavam-se encantados com a attitude decidida do Kaiser.

Comuniquei então ao dr. Helfferich que, já antes das suas inquietadoras communicações, eu andava com muito receio de se achar imminente uma guerra mundial, e que esses receios se ha-

viam agora convertido em absoluta certeza. A isto retorquiu ele «que por certo as coisas estavam com ares de guerra, mas que talvez a final a França e a Russia viessem a reconsiderar a sua attitude na questão. Porém, quanto aos servios, estavam positivamente precisados duma lição duradoura».

Foi esta a primeira comunicação que recebi com referencia ás conversações do Kaiser com os nossos aliados. Eu sabia que o dr. Helfferich se achava em relações especiais de confidencia com pessoas altamente colocadas que forçosamente deveriam estar iniciadas no assunto, sendo portanto fidedigna a sua comunicação. Por consequencia, assim que regressei de Berlim, informei Herr Krupp von Bohlen und Halbach, de cuja directoria em Essen fazia eu então parte. Devo frisar o facto que o dr. Helfferich me havia expressamente autorizado a fazê-lo. (Nessa época tencionavam nomeá-lo membro do Conselho de Superintendencia da firma Krupp.) Von Bohlen pareceu ficar sumamente admirado de que o dr. Helfferich estivesse de posse de semelhante informação e queixou-se de que «afinal de contas esta gente do governo nunca sabia calar bem a boca». Deu-me então a entender o seguinte:

«Que nos ultimos dias passados tinha estado com o Kaiser. Que este tambem lhe falara da sua conversação com os representantes austriacos e do seu resultado. O assunto, porém, havia-lhe sido exposto (a ele Bohlen) como segredo de tal natureza, que não teria ousado revelá-

lo nem sequer á sua directoria. Uma vez, porém, que já era conhecido por mim, podia dizer-me que eram exactas as asserções de Helfferich, o qual até parecia estar ao facto de mais pormenores do que ele proprio (Bohlen). A situação estava de facto muito critica. O Kaiser havia-lhe dito que declararia guerra immediatamente assim que a Russia se mobilizasse. Desta vez haviam de ver que não mudava de resolução. A enfatica e continua asseveração de que desta vez ninguém o havia de taxar de irresoluto tinha produzido um efeito quasi comico.»

O ultimatum de Vienna appareceu no mesmo dia que Helfferich me havia predito. Nessa ocasião achando-me novamente em Berlim, disse francamente a Helfferich que, a meu ver, o ultimatum era simplesmente monstruoso, tanto pela forma, como pelo conteúdo. O dr. Helfferich retorquiu, porém, que no seu entender era isto apenas o efeito produzido pela tradução para o alemão, acrescentando ter visto o ultimatum em francez, e que não se podia considerar exagerado na sua versão nessa lingua. Na mesma ocasião, disse-me Helfferich que a digressão maritima do Kaiser não passava de um pretexto; que ela não fôra organizada nas proporções costumadas, e que ele se achava em comunicação constante (com a Alemanha), conservando-se em sitio de facil acesso para o caso de qualquer necessidade de momento. Agora nada mais se podia fazer do que aguardar os acontecimentos. Era de esperar que os austriacos — os quais, claro está, não cederiam com preste-

za — declarasse a guerra antes que as outras potencias tivessem tempo de intervir. O Deutsche Bank já havia tomado as suas medidas para qualquer eventualidade. Por exemplo, estava retendo todo o oiro á medida que ele ingressava, não voltando a pô-lo em circulação, o que era exequível sem despertar atenção; desta forma se iam acumulando dia a dia somas consideraveis.

Muito pouco depois da entrega do ultimatum viennense á Servia o governo alemão fez publicar uma comunicação em como a Austria-Hungria havia procedido de seu motu proprio, sem previo conhecimento da Alemanha. Procurando-se conciliar esta declaração com os sucessos acima descritos, a unica solução possivel era que o Kaiser já se tinha comprometido, sem consentir a intervenção do seu governo na questão; e que os representantes alemães em suas conversações com os austriacos não haviam tentado formular um texto combinado do ultimatum, visto o conteudo deste ser, como acima dizemos, conhecido com bastante exactidão na Alemanha. Herr Krupp von Bohlen, com quem discuti esta declaração official alemã, que em qualquer das hipoteses era uma mentira de facto, desaprovou-o tanto como eu, porque a Alemanha jamais deveria ter dado *carte blanche* em assunto tão momentoso a um estado como a Austria; e por ser dever dos homens de estado dirigentes, exigir tanto do Kaiser como dos nossos aliados que as exigencias dos austriacos e o seu ultimatum á Servia fossem discutidos e

assentes nos seus mais minuciosos detalhes, devendo ao mesmo tempo fixar-se o programma exacto das subseqüentes providencias.

«Os nossos estadistas dirigentes», arguia ele, «não tinham direito algum, fosse qual fosse o seu modo de ver no assunto, a entregarem-se incondicionalmente aos austriacos ou a exporem-se a eventualidades que não tínhamos ainda tomado em consideração. Ao comprometermo-nos com os austriacos deveríamos ter imposto condições adequadas.» Em uma palavra, Herr von Bohlen achava que a negativa alemã de prévio conhecimento, a conter traços de verdade, faltava ás regras elementares da arte de diplomacia politica; ele deu-me logar a esperar que havia de falar neste sentido a Herr von Jagow (nessa época Ministro dos Negocios Estrangeiros, e que era um dos seus intimos amigos).

Depois de ter falado com Herr von Jagow descreveu-me ele a sua entrevista nos seguintes termos: Herr von Jagow persistiu em asseverar-lhe que parte alguma havia tomado na redacção do texto do ultimatum austro-hungaro, para o qual a Alemanha nem sequer havia sido convidada a colaborar. A' objecção de Herr von Bohlen de que isto era realmente inconcebível, Herr von Jagow respondera que naturalmente ele mesmo como diplomata havia pensado em formular um quesito nesse sentido, mas que ao tempo em que elle havia sido informado do assunto e fôra chamado, o Kaiser estava tão profundamente comprometido que já era tarde

para se tomar quaisquer providencias consoantes com as praxes diplomaticas e que por conseguinte nada mais se podia fazer. A situação havia tomado tal feição que já não era possível propôr quaisquer salvaguardas e condições. E ainda mais, ele Jagow havia chegado á conclusão de que da omissão resultaria vantagem, isto é, o bom efeito que produziria em S. Petersburgo e Paris, pois desta forma a Alemanha annunciaria que nós não havíamos colaborado para a confecção do ultimatum vienense.

II

A CULPABILIDADE DA ALEMANHA

*Carta enviada pelo dr. Mühlton em 7 de maio de 1917
a Herr von Bethmann Hollweg*

Ex.^{mo} Sr.

Por numerosos e crassos que sejam os erros e faltas acumulados do lado da Alemanha desde o inicio da guerra, tenho porfiado ha muito tempo em crêr que, embora tardiamente, afinal viria a surgir a previsão na mentalidade de nossos dirigentes. Com este intuito em vista é que de certo modo me coloquei á vossa disposição para colaborarmos na Romenia, e vos indiquei estar disposto a auxiliar-vos no paiz onde actualmente me acho residindo (a Suissa), se o alvo dos nossos esforços tinha de ser a reconciliação das partes em guerra. Bem pouco depois

de rotas as hostilidades, dei prova da minha animosidade para com toda e qualquer actividade que não tivesse por objectivo a reconciliação e restauração, demitindo-se irrevogavelmente da directoria da fabrica Krupp.

Desde os primeiros dias de 1917, porém, abandonei todas as esperanças quanto aos actuais *leaders* da Alemanha. A nossa oferta de paz sem indicação alguma dos nossos objectivos de guerra; a guerra irrestrita dos submarinos; as deportações da Belgica; a destruição sistematica na França; o torpedeamento de navios hospitalares inglezes, teem de tal modo desacreditado os governantes do imperio alemão que estou profundamente convencido, êles se acham para sempre inhabilitados de elaborar e concluir um accordo sincero e justo. Poderão mudar de modos de ver pessoais, mas não podem continuar sendo os representantes da causa alemã.

O povo alemão só poderá remir os graves crimes cometidos contra o seu proprio presente e futuro, contra o de toda a Europa e da humanidade, quando fôr representado por homens doutra mentalidade. Para falar a verdade, é apenas de justiça que a sua reputação por todo o mundo inteiro seja ruim como de facto o é. O triumpho dos seus metodos, os metodos pelos quais tem conduzido a guerra até ao presente, quer politica, quer militarmente, significaria a derrota dos ideais mais elevados e das esperanças da humanidade. Basta imaginarmos uma nação desmoralisada ou enojada de violencias consentindo em fazer as pazes com um governo

que tem levado a cabo semelhante guerra, para nos compenetrarmos de quanto, nesse caso, se tornariam sombrias e incertas a senda e perspectiva da humanidade.

Como homem e como alemão que nada deseja senão o bem do seu povo, torturado e iludido, afasto-me definitivamente dos actuais representantes do governo alemão. E apenas formulo um desejo, é que todos os homens independentes o façam também e que muitos alemães possam compreender e agir. Visto que qualquer apelo á opinião publica alemã se me torna impossível neste momento, entendi ser do meu estrito dever informar V. Ex.^a do meu modo de ver.

Dr. W. Mühlton.



